



Reflexões sobre uma Pesquisa de Recepção/Consumo da Telenovela com narrativa transmídia¹

Neide Arruda²

ESPM – Grupo de pesquisa Comunicação, educação e consumo: as interfaces na teleficação.

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão de alguns resultados de uma investigação sobre o processo de recepção/consumo da telenovela brasileira exibida por uma nova categoria de mídia digital móvel – a *out of home* – no transporte público da cidade de São Paulo. Por meio da observação etnográfica e da coleta de dados primários, procurou-se conhecer como se dá a relação entre essa mídia digital móvel e suas audiências; salientando que essa nova forma de produção da telenovela (de fato, pós-produção) é exibida de forma condensada, sem áudio e com legenda. O resumo do relato da observação etnográfica, que apresentamos tem por finalidade expressar essas experiências e o leque de relações estabelecidas no decorrer do trabalho de campo, partindo “dos sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos *arranjos* coletivos”. A pesquisa trouxe resultados interessantes, entre outros, os de que, nesse novo lugar de recepção da telenovela, a mesma é utilizada como “recurso comunicativo”.

Palavras-chave: Recepção/consumo; narrativa transmídia; telenovela; novos espaços de comunicação/educação; observação etnográfica.

Visualizando um espaço onde milhares de usuários do transporte coletivo viajam diariamente e, na sua grande maioria, estabelecem relações com as outras pessoas, nos levou acreditar que a narrativa transmídia — que tem como base o contexto original reeditado, onde as imagens são compactas, o áudio é retirado e a nova edição/reedição recebe uma narrativa legendada da história ou do fato — da teledramaturgia brasileira exibida na plataforma ônibus e a presença humana se imbricam de forma muito particular, formando novas comunidades. Martín-Barbero (2009), em uma entrevista, diz que “quando começamos a falar de comunidades de leitores, de espectadores de novela, estamos falando de algo que é certo”. O autor afirma que “uma comunidade

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT8 – Comunicação, Educação e Consumo, do 5º Encontro de GTs-Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Membro do grupo de pesquisa Comunicação, educação e consumo: as interfaces na teleficação, da ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, Professora da FMU-FIAM/FAAM, Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Casper Libero (SP) e em Relações Públicas pela Escola Superior de Relações Públicas (PE). E-mail:neidearruda@yhoo.com.br



formada por gente que gosta do mesmo em um mesmo momento. (...). É uma comunidade invisível, mas é real, tão real que é sondável, podemos pesquisá-la e ver como é heterogênea. Comunidade não é homogeneidade”³.

Levando em conta o poder de persuasão que a narrativa da teledramaturgia brasileira exerce em nossa sociedade e que ela está se espalhando⁴ para a mídia digital móvel, em nossa pesquisa de campo, buscamos identificar que tipo de recepção/consumo se dá por um público⁵ tão heterogêneo e itinerante — com hora marcada para chegar ao seu destino —, formado pelas pessoas que fazem uso do transporte público na cidade de São Paulo. Fazendo uso do mesmo contexto, a reflexão aqui explicitada vai mais além com o acréscimo do campo comunicação/educação. Para melhor compreensão desse campo, usamos as conceituações de Baccega (2009) quando diz que, “as tradicionais agências de socialização – escola e família – vêm se confrontando, nos últimos tempos, com os meios de comunicação, que se constituem em outra agência de socialização”.

Com relação à narrativa transmidia vale salientar que, enquanto o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias iriam substituir as antigas, segundo Jenkins (2009, p. 33), “o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de forma cada vez mais complexa”. O resumo do relato etnográfico que apresentamos tem como eixo condutor as orientações conceituais de dois autores, Caiafa (2007) e Magnani (2002). A contribuição de Caiafa diz respeito à observação das conversações, do contato com o desconhecido e do silêncio que acontece no transporte coletivo. As conceituações de Magnani nos conduziram a realizar a observação etnográfica com um olhar “*de perto e de dentro*”, partindo dos “arranjos” dos próprios atores sociais, pois são eles — “em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamento, conflitos etc., que constituem

³ Essa noção de “comunidade real” foi usada por Jesús Martín-Barbero, em entrevista ao Caderno +Mais!. *Folha de S. Paulo*, 23.08.2009.

⁴ “Spreadable”: Jenkins (2013) faz uso desse termo para se referir ao espalhamento de conteúdo em diversas plataformas. “Ao ocorrer tal espalhamento, entende-se as inúmeras possibilidades destes conteúdos em diferentes espaços informativos, tornando-se pervasivo”. CORRÊA (2013).

⁵ São 800 mil passageiros/dia somados entre 400 coletivos de São Paulo (eram 250 quatro anos atrás) e a permanência de cada passageiro no ônibus é de 45 minutos, em média. Isso significa também dizer que mais de sete milhões de passageiros usam ônibus, por mês.



o elemento que em definitivo dá vida à metrópole” (MAGNANI, 2002, p.15). Para criar condições que possibilitassem a segunda fase de coleta de dados, com entrevista individual, iniciamos um trabalho sistemático de observação etnográfica, em horários alternados e em diversas linhas de ônibus⁶. Na tentativa de diminuir a estranheza que poderíamos causar com nossa aproximação, criamos algumas situações de conversa sobre a programação de TV ali exibida.

“De Perto e De Dentro”: Os Relatos Etnográficos

O resumo dos relatos da observação etnográfica tem por finalidade expressar essas experiências e o leque de relações estabelecidas no decorrer do trabalho de campo, como teoriza Magnani (2002). Assim, partimos “dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos *arranjos* coletivos (...)”. Por outro lado, enfatizamos com Caiafa (2007, p.147-148), a concepção de observação etnográfica como experiência vivenciada do aprender com experimentar o estranho e ser também esse estranho. Dentro dessa moldura, expomos o resumo da pesquisa, ressaltando que as falas dos atores sociais foram anotadas em nosso diário de campo e aqui transcritas. Para melhor compreensão, elas estão em itálico e os nossos comentários entre parênteses. Foram, ao todo, 11 *relatos etnográficos* e apresentamos aqui os relevantes.

22 de agosto de 2011 - O ônibus que faz a linha, Metrô Artur Alvin – Jardim Oliveira (Zona Leste) é a nossa empreitada inicial. São 6 horas da manhã, faz frio e já existe uma longa fila de passageiros aguardando a chegada do ônibus ao ponto. (...). Diferente das demais pessoas ali aglomeradas, três mulheres, aparentando idades entre 40 e 50 anos, conversam animadamente, enquanto aguardam a chegada do transporte que vai conduzi-las a algum lugar, sobre a novela *Cordel Encantado*. Vestidas de maneira simples, mas bem agasalhadas, cada uma carrega, além da bolsa a tiracolo, uma sacola plástica contendo uma provável marmitta no seu interior. O

⁶ Linha 273X/10 – (Zona Leste) - Metrô Artur Alvin – Jardim Oliveiras ; Linha 274P/10 – (Zona Leste-Sul) - Penha – Metrô Vila Mariana; Linha 805L – (Zona sul) - Term. Princesa Isabel – Aclimação (circular).



cheiro de comida caseira exala forte. O amor de Jesuíno e Açucena, a inveja do coronel Timóteo e o fim de suas maldades fazem parte do conteúdo da conversa.

— *Acho que Açucena já sofreu demais nas mãos de Timóteo*, diz uma delas, enquanto a outra retruca; *às vezes tenho raiva dela, é muito molenga pra meu gosto*.

A terceira, que apenas escutava enquanto olhava para os sapatos, aproveita para falar que Jesuíno *“também é muito bonzinho e devia ser como o pai Lampião”* (referindo-se ao Capitão Herculano – líder cangaceiro e pai de Jesuíno na trama).

O ônibus chega e a conversa continua enquanto caminham na fila para entrar no veículo. Entramos junto, o ônibus já está cheio. Elas, então, procuram ficar o mais próximo possível de uma das telas. Observamos seus olhares que se voltam a um monitor de TV. Não demora e logo aparece na tela o resumo da trama. Olhos grudados na exibição e uma pausa nas conversações. São apenas 5 minutos de novela e, só após, a conversa recomeça e se prolonga, com inesperadas intervenções do cobrador que insiste em querer participar da conversa com informações conseguidas na internet:

— *“Eu li no site que ele morre”*, afirma o cobrador. *“Ainda bem, porque quando ele aparece maltratando todo mundo, fico com muita raiva”*, diz uma das três mulheres. A conversa continua animada e o assunto se divide entre a trama ficcional e a vida real até que duas delas se despedem e descem. (...).

O fato de três mulheres conversarem sobre o enredo de *Cordel Encantado* — que assistiram provavelmente no aconchego das suas casas na noite anterior — enquanto esperavam numa enorme fila a chegada do transporte que iria conduzi-las aos seus destinos, sem deixarem se afetar pelo frio de rachar daquela manhã e nem com quem estavam ao redor; (...) da conversa ter sido retomada após a exibição do resumo e desta vez com a participação do cobrador, que nos pareceu ter sido bem-vinda pelas três mulheres que se interessaram em ouvir o que ele tinha de informação sobre a trama que acabaram se assistir, como observamos, nos conduziu ao que diz Lopes (2009, p.22) sobre ser necessário reconhecer que a televisão “possui uma penetração



intensa na sociedade brasileira devido à sua peculiar capacidade de criar e de alimentar um “repertório comum”, por meio do qual as pessoas (...) se posicionam e se reconhecem umas às outras”. Na mesma linha de reflexão concordamos com Baccega (2009, p.21) quando afirma que, “são os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas e compreender esses temas”.

A leitura que fizemos observando o acontecido é que, para elas, pouco importava o lugar onde se encontravam — num ônibus superlotado, conversações atravessadas, um trajeto a ser percorrido dentro de um espaço público — naquela manhã de muito frio. Era como se estivessem na sala de TV de suas casas. Por um tempo, seus pensamentos estavam voltados para a trajetória dos personagens que nada tinha de realidade, mas povoava o imaginário de todas e que “esse repertório compartilhado está na base das representações de uma “comunidade nacional imaginada” que a televisão, mais que qualquer outro meio, consegue captar, expressar e atualizar permanentemente” como afirma Lopes (2009).

No segundo período da primeira etapa da pesquisa (de 21 a 23/05 e de 22 a 26/10/2012), buscamos dar conta de novas observações gravando as conversações para não perdermos nenhum detalhe que pudesse contribuir para nossa leitura interpretativa.

21 de maio de 2012 - Linha Penha – Metrô Vila Mariana. São 6 horas e 50 minutos da manhã e a intenção é fazermos o caminho no sentido bairro (Vila Mariana – Penha) neste horário. O ônibus chega. São 7 horas e 5 minutos, quando o cobrador faz sinal para os passageiros entrarem. Uma mulher fala ao celular, enquanto entra no veículo, comunicando para quem está do outro lado da linha que vai falar rápido porque os créditos do celular estão acabando e que deixou o almoço pronto na geladeira; em seguida desliga e faz sinal para outra mulher que se encontra bem próxima do monitor de TV. Percebemos que se tratava de duas pessoas que se



conheciam, quando uma conversa é iniciada. Recarga de bilhete único, de telefone, filhos e patroa são os primeiros assuntos compartilhados.

O ônibus sai. No terceiro ponto da Avenida Lins de Vasconcelos, a mulher que falava ao telefone enquanto adentrava no ônibus dá passagem para a sua amiga descer e passa a prestar atenção no conteúdo da tela. Passageiros desembarcam, outros embarcam, mas ela consegue se sentar. Tão logo se acomoda uma nova conversa é iniciada entre ela e outra mulher, sentada ao lado, que também parecia conhecer.

— *E aí, Tereza? Falou com sua patroa sobre aquilo que conversamos?* Tereza responde:

— *Ainda não, mas vou falar durante a semana.*

— *Se ela não aceitar diga que já tem outra oferta,* diz a mulher ao lado.

Tereza fala para ela que vai agir como as meninas de *Cheias de Charme* — Telenovela que narra a aventura de três jovens empregadas domésticas, Rosário, Penha e Cida, que resolvem formar um grupo de cantoras de nome “Empreguetes”, mas precisam enfrentar a ex-patroa, a Chayene, uma cantora de tecnobrega que faz de tudo para atrapalhar a carreira das agora cantoras, — e que está cheia de trabalhar, trabalhar e não ter folgas nos fins semana. No último ponto da Avenida Lins de Vasconcelos, Tereza se despede da amiga Rosa, agora identificada, que volta a olhar para a tela, mas não com atenção, até aparecer o conteúdo da novela, *Cheias de Charme*. Após a exibição, aproveitamos a oportunidade para iniciar uma conversa com Rosa sobre as novelas que são exibidas na plataforma ônibus. Rosa é empregada doméstica, faz o mesmo trajeto há três anos. Perguntamos se ela consegue acompanhar os resumos das novelas todos os dias.

— *Nem todo dia consigo assistir direito. Tem dia que o ônibus tá muito cheio. Quando consigo chegar mais cedo, procuro ficar perto da televisão. O pessoal fica empurrando a gente, aí fico nervosa porque não consigo ler. Gosto muito de Cheias de Charme, mas quando chego em casa, ela já tem começado. Assisto todas às novelas que passam no ônibus.*



Então, você é uma fã de novela? Perguntamos.

— *Eu gosto porque fala muita coisa que acontece com a gente, também. Algumas, fica difícil de acompanhar todos os dias, mas sempre dou um jeito de conseguir saber o que aconteceu. Minha filha conta tudo para mim, quando chego em casa.*

Você consegue acompanhar as novelas do jeito que elas são exibidas aqui?

— *Fico mais de olho na imagem, não enxergo bem, as letras são pequenas demais. Como minha filha conta tudo, quando vejo aqui já sei tudo que aconteceu, mas gosto de ver, de novo. Serve para distrair, também, né?*

Você falou que gosta de novela porque ela fala de muita coisa que acontece com a gente, você acha que existe semelhança entre as histórias que as novelas contam com o que acontece no dia a dia das pessoas? Rosa nos devolveu com outra pergunta: *você não acha?* Em seguida deu um sorriso e respondeu.

— *Não são todas, tem umas que falam sim. A gente sabe que não vai acontecer com a gente o que aconteceu com as meninas de Cheias de Charme(...). Não é porque a gente é empregada que tem que aceitar ser humilhada pela patroa, tem muita patroa que é igualzinha à Chayene. A novela mostra que a gente que é pobre e mora em favela, também é gente honesta. Muita gente só é empregada doméstica porque não teve outra chance na vida (...). Minha filha não vai ser empregada doméstica, ela estuda e faz também curso técnico. Dou muito duro na vida para ela ter uma vida melhor que a minha e garantir um futuro melhor(...).*

A identificação que Rosa deixa transparecer com a narrativa nos leva ao que dizem Motter e Mungioli quando conceituam que “às condições sociais e políticas presentes na sociedade brasileira fazem com que essas produções surjam como metáfora da nação que se busca, que procura sua imagem, que procura um conceito para se entender” (MOTTER e MUNGIOLI, 2007-2008, p. 158). Por outro lado, no nosso entender, Rosa não quer que sua filha faça a mesma leitura de identidade que ela faz da narrativa de *Cheias de Charme*, quando diz que sua filha estuda e por isso vai ter



um futuro melhor. Tomando como base a conceituação de Baccega (2000-2001, p. 21) no campo da comunicação/educação, “o desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia”.

22 de maio de 2012 - São 12 horas e 45 minutos quando embarcamos no ônibus da Linha Terminal Princesa Isabel – Aclimação (circular). Nesse horário o coletivo não está tão cheio, algumas cadeiras estão vazias. Optamos por sentar ao lado de uma jovem que está lendo um livro e, de vez em quando, levanta o rosto e direciona o olhar para o monitor de TV, onde está sendo exibida uma matéria do programa *Fantástico*. Alguns minutos depois o conteúdo muda e ela fecha o livro. O que aparece na tela é o resumo de *Avenida Brasil* — novela que narra a história de vingança de Rita/Nina contra sua madastra Carminha, que junto com seu amante Max matou o pai da mocinha. Anos depois a jovem volta para destruir a vida da vilã que está casada há mais de uma década com o ídolo e ex-jogador de futebol do Framengo e da Seleção brasileira, Tufão. Compartilhamos desse momento. Quando o conteúdo muda, seu olhar é direcionado para a paisagem fora do ônibus. Usamos da oportunidade para criar um diálogo e perguntamos: você só ficou olhando para a TV enquanto estava passando a novela. Você consegue acompanhar a história da forma que ela é exibida aqui?

— *Quando vi pela primeira vez, achei legal, uma novidade, e eu prestava muito atenção. Agora, só fico prestando atenção quando não consigo assistir em casa. (...). Fina Estampa, só consegui assistir aqui. Agora acompanho Avenida Brasil, também.*

Por que você não consegue acompanhar em sua casa?

— *Saio do trabalho às oito horas, até chegar no ponto de parada e pegar o ônibus, vai mais meia hora ou mais. Até chegar em casa, lá se foi a novela. (...). Só uma que corro atrás para acompanhar melhor, Avenida Brasil. Corro atrás de toda notícia que fala dela. (...). Aproveito o tempo que estou no ônibus para assistir, aqui também.*



O que tem em *Avenida Brasil* que você está gostando tanto, a ponto de acompanhar até as notícias que saem sobre ela?

— (...). *Ela tem muita confusão, tem muita maldade, mas tem gente de bom coração. A história é parecida com a vida da gente. Espero que continue assim até o fim.*

Em que *Avenida Brasil* é parecida com a vida da gente? Ela responde rapidamente:

— *Acompanho desde o primeiro capítulo, quando Carminha se juntou com o amante Max para matar o pai da Rita e deixar a criança no lixão. No meu bairro tem um lixão que fica cheio de criança e adultos catando coisas. É muito triste. Depois o golpe que Carminha deu no Tufão é muito comum nesse mundo cão que a gente vive. Tenho uma amiga que perdeu o noivo para outra mulher bem vagabunda como Carminha e até hoje ela sofre porque estava com data do casamento marcada. O bairro do Divino é a cara do bairro onde moro, tem de tudo (...). Acho que é isso que me faz gostar da novela. (...).*

Provavelmente, se nós não tivéssemos iniciado uma conversa com Valéria, ela teria assistido o capítulo da novela e em seguida retornaria à sua leitura do livro, não sabemos, apenas estamos pressupondo que seria assim. Caiafa (2007, p. 105) afirma que “falar com estranhos configura uma situação particular da comunicação. Nas grandes cidades, a convivência com desconhecidos cria certas condições específicas para o diálogo e o silêncio”. Para Valéria e para os demais que aí se encontravam, o estranho éramos nós. Mas usamos como “recurso comunicativo” a exibição da narrativa transmídia da trama que acabara de ser exibida, tivemos uma experiência gratificante, com uma excelente conversação.

Assim como em outros momentos de nossa observação, detectamos o fato de a ficção e a realidade se entrelaçarem no cotidiano das pessoas, permitindo interpretações das mais variadas, cabendo a cada receptor interpretar o entrelaçamento da maneira que melhor lhe convier. Para melhor contextualizar nossa reflexão, tomamos por empréstimo os apontamentos para “construção do campo comunicação/educação”, de Baccega (2000-2001, p. 19) quando diz que “é nesse âmbito de ficção/realidade que a



disputa se institui, que a busca da hegemonia se dá. Aí se constrói o campo da comunicação/educação”. Observamos também que para Lopes (2009, p.27), “a encenação de fatos e temáticas sociais e políticas remetem às menções feitas sobre o caráter “naturalista” das novelas e as referências explícitas à vida da nação”.

22 de outubro de 2012 - Linha: 6500/10 - Zona Sul/Centro – Terminal Santo Amaro – Terminal Bandeira. 7 horas e 40 minutos, quando o ônibus inicia seu percurso. Poucas pessoas estão olhando para as telas de TV. Entre elas estão três mulheres que iniciam conversações sobre o último capítulo de *Avenida Brasil*, assim que o conteúdo começa a ser exibido. Nossa atenção se volta para elas, na tentativa de compartilhar do assunto. Cada uma ao seu tempo, fala da dificuldade que enfrentou para assistir ao último capítulo da trama.

— *Não consegui chegar em casa, liguei pra minha mãe e falei que ia com uns amigos para um bar próximo do trabalho para ver o último capítulo*, diz uma.

— *O escritório fechou mais cedo e o chefe dispensou todo mundo, ele também saiu correndo para assistir. Cheguei em casa e ainda fiz um lanche antes*, enfatiza a outra.

— *Eu consegui chegar antes de começar. Passamos o dia inteiro organizando um bolão com os caixas do mercado, e até com alguns clientes, para o fim de Carminha. Estava torcendo para ganhar o bolão de 250 reais, mas duas pessoas acertaram que ela ia ser perdoada*, completa a terceira.

Elas percebem que estamos prestando atenção ao assunto, mas não dão a menor importância e a conversação ganha outros participantes, como ouvintes. A conversa agora gira em torno das personagens Carminha e Rita/Nina. Uma das três mulheres que iniciaram a conversação quer saber se as outras gostaram de Carminha ter sido perdoada das maldades que fez desde o início da novela.

— *Só em novela a gente vê um negócio desses. Por mim ela terminava no lixão passando fome sofrendo muito e totalmente esquecida por todo mundo*, diz uma.

Depois de ouvir algumas opiniões, a mulher que fez a pergunta manifesta a sua.



— *Acho que ela precisava sofrer mais para pagar por tudo que fez. Também não deu para engolir tanta bondade da Nina. Ela ficou boazinha demais pra meu gosto. Duvido que alguém possa mudar tão de repente. Não gostei do final dela.*

Entramos na conversação e perguntamos para ela o que gostaria que tivesse acontecido com essas personagens. Ela sorriu e começou a falar.

— *Eu sei que é novela, mas a gente sempre espera que o bem vença o mal, já que na vida real isso não acontece. Carminha foi uma madrasta bruxa. Ela prejudicou muita gente, enganou todo mundo se passando por uma pessoa boa, ela tinha que terminar sofrendo muito na prisão. Nina fez muita besteira e passou a novela toda enganando todo mundo, tinha que terminar sozinha. (...).*

Outras conversações atravessadas continuam acontecendo, mas torna-se difícil acompanhar porque todos falam ao mesmo tempo. Mas observamos que se tratava de novela e o assunto principal não poderia ser outro, o último capítulo da trama. Por outro lado, o fato que nos chamou mais atenção, foi reconhecer como a maioria dos que ali estava queria contextualizar seu ponto de vista sobre mais uma história que durante meses ocupou o imaginário de cada um — que sem pedir licença adentrou na sua vida através da televisão, do computador e das mídias sociais via internet, da transmídiação e da mídia impressa —, e que havia terminado. A convivência com a história e seus personagens não fariam mais parte das suas noites no conforto do lar através da TV e nem no transporte coletivo, pelos menos nessas mídias. Será que existe aí uma perda de apropriação de sentido? Segundo Martín-Barbero (2004, p.71), “a fragmentação põe em movimento outras mediações da recepção televisiva, entendida como as diferentes instâncias culturais em que o público das mídias produz e se apropria do significado e do sentido do processo comunicativo”. Para Baccega, “a recepção, como ato cultural, desempenha importante papel na construção da realidade social”. Ela ainda acrescenta que,

Daí a importância de seu estudo. Através destes estudos podemos descobrir quais são os processos reais que resultam do encontro dos discursos dos meios de comunicação apropriados (transitoriamente) ou incorporados (com



permanência na cultura) pelos sujeitos-receptores imersos em suas práticas culturais (BACCEGA, 2000-2001, p. 30).

Acerca do Individual: as Entrevistas

Nosso segundo passo no trabalho de campo foi tentar “compreender” (BOURDIEU, 1998), por meio da relação comunicativa que se estabelece na entrevista, os sentidos que os atores sociais dão para telenovela. Para alcançarmos a relevância de “compreender” o que seria dito verbalmente e não verbalmente, recorreremos às considerações que faz Bourdieu (idem, p.603) sobre condutas e estratégias necessárias em uma pesquisa de campo, que reputamos fundamentais, entre as quais, respeitar e ficar atento às sutilezas plurais que os atores sociais desenvolvem ao se estabelecer uma interação de pesquisa. Assim, tentamos nos situar “em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social (...)”.

Do mesmo modo, para diminuir o número de recusas para as entrevistas, já que não éramos usuários assíduos das linhas de ônibus que fazem trajetos cruzando a cidade — evitando que fossemos vistos como estranhos no “pedaço” — investimos na realização de reiteradas viagens em determinadas linhas de ônibus sempre nos mesmos horários. Essa estratégia possibilitou nossa aproximação e a conversação com vários passageiros, que traduzimos em entrevistas individuais feitas com base em um roteiro comum. As entrevistas foram realizadas no mês de janeiro de 2013, com 10 usuários que fazem trajetos mais longos até chegarem aos seus destinos, para que fossem concluídas ainda durante a viagem de cada um. As perguntas elaboradas foram às mesmas para todas as pessoas entrevistadas. Das cinco perguntas feitas, quatro solicitaram justificativas (por quê?) de cada resposta dada, para evitar que as mesmas fossem respondidas de forma evasiva ou com frases feitas. Isso nos permitiu verificar opiniões diferenciadas sobre uma mesma questão, o que nos deu condições de conhecer como elas recepcionam e interpretam os enredos apresentados pelas telenovelas, dentro e fora de casa, conforme apresentamos a seguir.

As verbalizações expostas por cada respondente foram transcritas no projeto de pesquisa tal como foram expressas, assim como também foram preservadas as



características da linguagem oral e coloquial. Salientamos, ainda, que os nomes dos entrevistados foram abreviados, constando apenas as iniciais do nome e do sobrenome. As perguntas que constaram nas entrevistas foram: 1- Você costuma conversar enquanto viaja de ônibus ou prefere o silêncio? Por quê?; 2- Qual a sua opinião sobre essas telas instaladas dentro do ônibus?; 3 - Que programa gosta de assistir, enquanto está dentro do ônibus? Por quê?; 4 - Quais novelas chamam sua atenção enquanto você viaja dentro do ônibus? Por quê?; 5 - Você acha que a novela brasileira mostra a realidade? Por quê? Diante do exposto, destacamos aqui as perguntas e as respostas que acreditamos de mais relevância para este artigo.

Na pergunta: Você costuma conversar enquanto viaja de ônibus ou prefere o silêncio?, com a justificativa do por quê?, a grande maioria respondeu que sim, costumam conversar enquanto viajam de ônibus, mas fazem restrições quando se tratar de conversar com desconhecidos. O fato da maioria dos respondentes ter o hábito de conversar, mas não com desconhecidos, nos levou a leitura do medo e do enfrentamento com imprevisível, principalmente com relação à violência urbana.

No que diz respeito à pergunta: Você acha que a novela brasileira mostra a realidade?, e Por quê?, quase todos os entrevistados acham que a novela brasileira mostra a realidade (7). O interessante é que, para justificar suas respostas, alguns buscaram na memória exemplos de folhetins exibidos há mais de uma década. As menções explicitadas levam à questão da cultura nacional e da memória, no dizer de Hall (2002, p.51): “ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. No conjunto das respostas a esta pergunta, chamou-nos atenção a de C.O., pela leitura e interpretação que faz da realidade social a partir da telenovela:

— *Eu acho que tem sim. A vida está cheia de Carminha, Ninas, Tufão, Leleco, Suellen e de muita gente daquela novela. Carminha era do mal e tem muita gente que*



é igualzinha a ela. Novela tem dessas coisas, mostra como as pessoas são de verdade. Essa novela Avenida Brasil foi muito legal, (...). Ali não tinha ninguém santinho como nas outras novelas, todo mundo armava barraco, falava o que queria, assim como a gente. Mas não gostei muito do final, Carminha ficou presa pouco tempo e ainda foi perdoada depois de fazer tanto mal. Mas isso também é a cara do Brasil. (C.O.).

Analisando para Compreender

Ao optarmos pela perspectiva metodológica *de perto e de dentro*, direcionamos nosso foco para a estratégia de acompanhar vários usuários do transporte coletivo em seus trajetos habituais, como seus deslocamentos para o trabalho dentro de ônibus, seus contatos significativos de conversações e de sociabilidade, de conflitos e de arranjos no contexto variado do espaço público, onde a mídia digital móvel também está presente com as narrativas transmídias. A opção:

É neste plano que entra a perspectiva *de perto e de dentro*, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos (MAGNANI, 2002, p. 17).

Nosso ponto de vista diante do que expomos nos relatos é o de que, qualquer pessoa que manifesta um discurso, o faz a partir dos discursos que recebe (e aqui incluímos o discurso de contexto social da telenovela), e onde subjetividade que, inerente a qualquer um, é sempre formada pelas motivações sociais com as quais essas pessoas (atores sociais) se confrontam no cotidiano social onde estão inseridas. Temos consciência das nossas grandes limitações, principalmente, por tratar-se de “um novo lugar/espaço”, até então, não explorado.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. Comunicação & educação, São Paulo, nº 3 - set/dez.2009.

_____. **A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos**. Revista USP, São Paulo, n. 48, p.18-31, dez/fev 2000-2001.



BOURDIEU, Pierre. **Compreender**. In A miséria do mundo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998 (p. 693 – 713).

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

CORRÊA, Elizabeth Saad. **Uma reconfiguração cultural possível e viável**. São Paulo: Ano 7- Nº1 –jan./jun. 2013 – MATRIZES. P. 283-289. Resenha de: JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Speadable media: creating value and meaning in a networked culture*. New York: New York University Press, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, Maria Immacolata V. **A telenovela como recurso comunicativo**. *MATRIZES* V, Ano 3: 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17 nº 49, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús REY, Germán. **Os Exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Entrevista ao Caderno +Mais!** *Jornal Folha de S. Paulo*, 23.08.2009.

MOTTER, Maria Lourdes e MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. **Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade**. *Revista USP*, São Paulo, n. 76, dez/fev, 2007-2008.